

Das paisagens do Ibaté às paragens de Deus

Prólogo

Crônicas? Contos? Ou simples cantos? Pensar nessa mistura é, antes de tudo, achar que se é incapaz de esperar a singularidade como matéria única de um livro. Preferi apresentar uma miscelânea a me dedicar a um só gênero, esperando que meu leitor entenda o caminho que desejei para algumas memórias e nem tanto. Em todo o caso, aqui está o resultado de minha busca pela liberdade de expressão literária e criativa da minha confissão de ter vivido.

Qual a diferença entre o fato vivido e sua lembrança? O espaço de vida percorrido de um momento para o outro opera na memória alguma modificação. Por exemplo, quando se deu, o acontecimento foi visto como dramático e, posteriormente, é lembrado como cômico. Ou vivido como trágico e, depois, recordado como romântico. E quando se trata de reviver fatos da adolescência, então, o retrospecto pode ser atrapalhado pela maturidade que chega, às vezes, a abominar o acontecido e sua interpretação ganha outro sentido. Há que acionar o filtro da vivência para dar suporte plausível à nostalgia.

A Crônica é registro de um tempo num espaço determinado. Está apoiada em fatos acontecidos no cotidiano mas trabalhados pela fantasia como força criadora. É arte literária e, por isso, grandes mestres e artistas a praticaram com profundidade ou leveza, ultrapassando os limites da pouca vida da notícia diária, à procura do que nela pode de fato permanecer. E assim pode ela servir de reflexão sobre o que resta de humano na sua lembrança.

Pequenos contos às vezes se aproximam muito da crônica dependendo do destaque que o autor der ou ao lirismo ou ao narrativo. E, quando o artista consegue equilíbrio entre esses dois componentes, o texto ganha força expressiva e beleza poética.

E o canto? Pode ser sinônimo de poema e é nesse sentido que aqui é empregado. Pequeno poema em prosa, e, insisto, poema pelo menos na intenção. Também pode ser o resultante da procura nos cantos da memória.

Meu público alvo é, evidentemente, a turma do Ibaté, já que este texto nasceu da vontade de colaborar com a ideia do Lettério, do Moreira e do Toschi, de recuperar a história do seminário de São Roque. Aqui está meu mínimo saber acompanhado de meu máximo sabor nas lembranças. Esta seria, então, minha contribuição.

Resta uma palavra sobre o tom confessional deste texto. Ora em primeira pessoa do singular, ora em primeira do plural, se apresenta sempre como tentativa de recuperação da memória, evidentemente a partir de mim mesmo. Daí o tom de confissão nesse mergulho mais profundo na própria alma que recorda. Ponto de vista individual, mas na esperança de ter ultrapassado o mero individualismo.

Por isso, quero destacar que não emprego nenhuma censura, e não demonstro nenhum arrependimento: quero apenas testemunhar a lembrança de uma vivência feliz e providencial, sem reclamações. Se alguma marca ficou de tudo o que por lá passei é a da feliz camaradagem. O positivo superou de longe o negativo. Estou entre os que mais viveram em São Roque. Foram sete anos integrais, íntegros e integralmente vitalizantes. É verdade que muitos tiveram reais e profundos problemas capazes de fazê-los preferir o esquecimento daqueles tempos. Perfeitamente compreensível, claro. Não é, porém, o meu caso. Talvez goste daquele tempo por ter sido absolutamente infantil como, parece-me, conviria para quem lá viveu dos doze aos dezoito anos. Outros mais maduros puderam, com razão, questionar os pontos problemáticos e, por isso, experimentaram sofrimentos de que não padeci. Na verdade, depois viria a confirmar, apenas adiei-os para o Ipiranga, especialmente na Teologia, dos vinte e quatro aos vinte e oito anos.

Em alguns momentos, escapo de São Roque e viajo até o Central ou Aparecida, a fim de movimentar a recordação, num vai e vem de captação memorialista. É que, às vezes, me parece que uma história é continuidade de outras, já acontecidas. Alguma coisa me diz que são pedaços do mesmo quebra-cabeça. Procurei juntá-los. E, se não combinam, ao menos dão uma cor mais variada ao texto.

A fragmentação do texto é conforme os pescados da memória. Vão caindo na rede lançada ao mar do meu passado, no meio de peixes, de cascas de crustáceos ou de algas vermelhas ou azuis. O fragmento, como medida da expressão, acompanha, pois, as pitadas da lembrança. A vida se repete ou sobrevive nesses nacos que restam. Assim, a pequenez que parece tornar o texto insignificante ou incompleto, vai se fazendo livro de notas que compacta informações que pedem a colaboração do leitor para se tornarem harmonia do espírito participante.

Além disso, presto aqui minha homenagem aos cronistas do período de 1949 a 1956. Em seus textos, bebi muito de sua notável fonte memorialista .

1949, primeiro semestre: Darcy Corazza; segundo semestre: Anônimo; 1950, Tarcísio Francisco da Silva e Josué da Silva Leite; 1951, José Maria Perez e Valdemar Corrêa; 1952, Walmir Luiz da Silva e Nelson Esteves Sampaio; 1953, Paulo de Oliveira Leite Gonçalves e Antônio Carlos Barra; 1954, Marcos Pellizzari de Souza; um cronista anônimo e Hamilton Bianchi; 1955, Marcos Tarciso Masetto e Antônio Mariano Gomide Ribeiro; 1956, Joaquim Benedicto de Oliveira e Antônio Parolin.

São Paulo, nas antigas margens plácidas do Ipiranga e sob a imagem da cruz da capela do Central, infelizmente bloqueada de minha vista, neste ano, por um horroroso prédio.

Maio de 2014.

Joaquim Benedicto de Oliveira

A chegada

Entrei no seminário de São Roque no dia sete de fevereiro de 1950. Pelo jeito, fiz parte de um grupo de quarenta e sete chorosos que foram recebidos pelos veteranos com uma sessão cinematográfica no refeitório. A confirmação da choradeira se deu no dia seguinte, anotada assim pelo cronista Tarcísio Francisco da Silva: “Havendo alguns “novos” lacrimosos, houve à noite uma festinha intitulada :“Enxuga lágrimas”,para distrair os ânimos plenos de saudades”...Ponto alto da noite foi a apresentação pelos veteranos do canto “Não chorem , não”.Particularmente, já na cama e no escuro daquele, para mim, imenso dormitório, não chorei. Pelo contrário , muito matutei,me admirei e gravei meu pensamento inquisitivo para nunca mais esquecer: “Eu, num seminário?” O modo indefinido, **num** e não o determinativo **no**, revelava meu sentimento generalizado a par da ausência total de identificação com São Roque. Onde eu estava, afinal? Meu primeiro grande desafio vital aconteceu desse modo, aos doze anos de idade. Que sabia eu da vida e, principalmente, de ser padre? Confirmo: não chorei, mas inaugurei minha vida de dúvidas , de idas e vindas que durariam quinze anos até a sofrida decisão de não me ordenar. Então, sem festa nenhuma para enxugar minhas lágrimas.

A hora nossa de cada dia

Cinco e vinte da manhã: “Fortes badaladas do sino arrancam-nos das regiões do sonho”.Seis horas: meditação, precedida da oração da manhã.Em seguida, Missa. Em sequência, ginástica no pátio interno: “É bom preparar o estômago para um gostoso café, exercitando o corpo ainda não de todo acordado. No café todos trabalham bem!”. Quinze minutos de recreio.Estudo. Oito e trinta, primeira aula. Nove e vinte, recreio de quinze minutos com reforço do estômago.Dez e trinta e cinco, segunda aula. Onze e trinta, almoço. Recreio a seguir, de uma hora e quinze minutos.Joga-se vôlei (campeonato), anda-se de perna- de- pau, ping- pong, brinca-se.Treze e quinze,” vão todos cansados e suarentos à capela: exame de consciência!” Quatorze horas, terceira aula. Recreio em seguida, de quinze minutos, quando os barbudos fazem a barba na quarta e no sábado. Às dezesseis e quinze , quarta aula. Quinze minutos de recreio.Em seguida, leitura espiritual na capela. Segue-se o jantar e o recreio obrigatório. Findo este, quarenta e cinco minutos de estudo. A seguir, na capela outra vez, Reza do Terço, Bênção do Santíssimo, Oração da noite. Por fim, em fileira e cantando o Sub Tuum, todos se dirigem ao descanso noturno.

O silêncio

O mês de março, de 50, foi cheio de avisos, ordens, orientações, e a primeira bronca solene do ministro, especialmente sobre os menores, por sua falta de silêncio no refeitório. “Já é tempo de iniciarem a vida séria aqui no seminário”, disse com palavras claras e severas. Foi o primeiro grande medo provocado naquelas cabeças recém chegadas e infantis, já que na continuação, revelou: “vários casos já estão sendo estudados pelos padres superiores”. Em contraposição, nesse mesmo mês, a Schola Cantorum iniciou os ensaios do canto a quatro vozes “Va Pensiero”. A bronca do silêncio esvaeceu-se no tempo mas o canto a quatro vozes enraizou-se no sangue sanroquense e até hoje é seu hino oficial da saudade.

Consolo

“Devido ao sereno da manhã, não houve ginástica”. E o ministro inventou as audições musicais pelo autofalante, “para tirar a melancolia que a chuva produzia nos recreios”. Sem dúvida, uma bela invenção.

Visitas

Nesse mesmo março, aconteceu o primeiro domingo de visitas do ano. Eis os elementos mais importantes da palestra proferida pelo ministro em relação às visitas. O seminarista deve: *ocupar-se com sua visita; *não incomodar a visita de outros; *evitar apresentar colegas aos seus pais e ou suas visitas; *não ir ao encontro de visitas de outros por serem conhecidos ou morarem perto; *escolher entre almoçar com sua visita ou no refeitório, mas se escolher o refeitório, chegar na hora marcada. Quem não recebe visita está proibido de ficar observando as visitas dos outros, porque é falta de educação ou demonstração de muita curiosidade; e não deve fugir da sua visita. Agora entendi porque fiquei com remorso de ter me encantado com as primas do Gomide!

Perigo

Importante orientação do ministro: “Cada um deve deixar transparecer o que realmente é, para que os superiores o possam corrigir dos seus defeitos”. O que representaria para aquelas crianças de doze anos uma mensagem como essa? E a gente podia mesmo saber como era? E como eu era? Apenas um garoto feliz da vida por ter colegas, por ter ocasião de praticar o futebol, por caminhar pelos montes ao redor, mergulhado na natureza, por ter onde nadar, o

que e onde comer, etc. Ser padre, sim; mas estava tão distante e não seria no primeiro mês de seminário que haveria de apreender o seu significado sério e profundo. Que ideia a gente podia ter de correção? Começa bem cedo a exigência de transformação do ser infantil para o ser adulto. Ou educar para ser anjo?

Punição

Uma segunda-feira, dia primeiro de maio. Por decisão e deliberação dos padres superiores está suspenso o estudo-livre nos feriados. Seria o resultado de deixar transparecer o que realmente a gente era?

Estranha divisão

Numa quinta-feira, após a comunhão reparadora dos pecados da humanidade, aconteceu o seguinte: a maioria foi passear com o ministro na chácara da Capelinha, onde chupamos laranjas e mexericas. Um grupo de menores ficou no seminário fazendo adoração ao Santíssimo Sacramento. E um grupo de maiores ficou pintando o novo cenário do palco. Fiquei feliz por estar no primeiro grupo. Ô laranjas doces e gostosas! Ô livres ares da montanha! Ô tecidas teias de aranha brilhando ao sol da manhã! Ô cidade de São Roque tão longe e tão perto olhada, da ponta daquele buracão atrás do recreio! Ô Saboó, umbigo do nosso mundo!

Aula de inglês

Professor, padre Ruy Amaral Mello; aula de inglês; ano 1954; sala de aula do quarto ano. O professor nomeia alguns alunos “de forma inglesa” e espirituosa. O Dionísio Leite da Costa se torna Mister Milk; o Edmundo da Mata vira Mister Wood; e eu sou o Mister Joaquim, que ele pronunciava Jeikim, of the long neck. Compreendia perfeitamente que o Dionísio fosse Milk e o Bitá fosse Wood. Mas por que seria eu o de pescoço comprido? Cheguei até a medi-lo para ver se de fato correspondia a alguma verdade. Não me conformava com isso. E só me acalmei de verdade quando percebi que, pelo menos, não era aula de francês... Se fosse, acho que teria perdido minha honra e teria, no mínimo, cortado meu próprio pescoço!

Profecia

No dia dezanove de junho de 1950, foi fundado o Círculo Literário Jesus Menino cujo orador oficial era o Marcos Masetto. Agora, o tesoureiro só podia ser mesmo o futuro Diretor de Banco, Paulo Toschi.

Monsenhor Pepe

Trinta de maio, uma terça-feira, dia frio e nublado. Depois das oito da manhã, partimos em três caminhões e mais a perua do seminário para Ibiuna, lá chegando às nove e vinte e cinco. Naquela “progressista” cidade, participamos da procissão de São Sebastião, da paróquia dirigida pelo Monsenhor Pepe. Esse ex-vigário de Salto tratou-nos muito bem, caprichando tanto no lanche quanto no almoço. Este, particularmente, foi por todos considerado um “lauto banquete”. Como éramos muitos, fomos divididos em três turmas: primeiro, os menores; depois os médios e por fim, os maiores. Estes andaram por volta do local onde serviam o almoço enquanto éramos servidos. Na volta para o seminário, fizeram questão de nos contar o que viram: que o macarrão a nós servido era mexido nos caldeirões, nada mais nada menos que com um pau de galinheiro. Maldade deles para impressionar os pequenos? Gozação dos tipos mais espirituosos como o Barra ou o Barbieri? Virou lenda. Mas a lenda tem sempre um fundo de verdade. Será?

Avisos de maio

Coleção de avisos perpetrados pelo ministro, numa quinta-feira ainda de maio: cuidado com as brincadeiras de mão (por que será, hein?); ordem nas filas (apesar do sono ou da fome?); comportamento na capela (era necessário advertir mesmo?); tratamento para com os colegas; hábito de estar com as mãos nos bolsos (era outro tipo de brincadeira de mão?); caridade nos jogos (que seria isso? Deixar o outro ganhar?); limpeza nos recreios e nas roupas (que reunião mais esdrúxula!); e, por fim, o castigo maior: quem tirou notas insuficientes nas provas ficará sem estudo livre nas férias todas!

Outro aviso de maio

Os recreios após o jantar, nos dias de aula, são obrigatórios. É proibido ficar parado! Deve haver movimento! (E nos dias de chuva?)

A travessura do Itanhaém, muitos anos depois

Meu caminho para o mar foi coletivo , longo, demorado e super-prudente. Caminho de seminarista, vigiado, muito cuidadoso. Haveria, por acaso, alguma tentação mais aguda e preocupante para a vocação do que apreciar, (opa! desculpem-me) ou contemplar e descobrir as mulheres da praia, com aquele maiozão horrível da década de cinquenta? Bem! ...

Começou com aquela célebre viagem de São Roque para São Vicente onde atracamos no seminário de lá para ... rezar! Mas houve um momento de relaxamento, afinal. Mais de cem quilômetros de ônibus para... tirarmos o sapato e molharmos os pés nas famosas ondas de renda! Valeu a pena tanta pena? Valeu: vimos o marzão “besta”, como dizia o cardeal Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota. Em mim ficou aquela sensação de ter pisado a areia molhada e contatar aquelas irrequietas e franjadas ondas. Percepção de algo que em um futuro, naquele momento ainda distante, seria símbolo de liberdade e amplitude de pensamento. Mais tarde o marzão besta tornar-se-ia simplesmente o mar-festa de diversidade sensual e bela. Cada dia uma cor – azul, verde – rendas bordadas pela brisa provocando o perene ir e vir, a maior constância inconstante que se conhece, depois da barroca cultura viva brasileira. O mar-sonho e viagens – navios, barcos , Jet-skys, pranchas, parapentes – muito ar livre – afinal, um vasto mundo que Raimundo algum consegue rimar.

Já no Central do Ipiranga, pudemos ter férias coletivas em Itanhaém, naquele memorável casarão onde passamos dias felizes, e nem tanto, de nossas vidas. Na praia ao lado de onde fica aquele aconchegante claustro marinho, não nos era permitido entrar no mar. Afinal ali mesmo, ondas terríveis e traiçoeiras fizeram perecer padres e seminaristas de outros tempos. Em consequência, devíamos escolher entre a quietude da praia do Sonho ou a deliciosa persistência dos vagalhões da Cibratel. No Sonho, jogávamos futebol antes de mergulhar e, atentos aos movimentos da bola de capotão, nossos olhos não viam outras redondezas perambulando por ali. Em Cibratel, no império das vagas oceânicas , levantávamos voo na soberba arrebatada. E quando da saideira, era sempre no dorso de um jacaré que aportávamos na areia da praia. Quem tinha tempo para pendurar os olhos em outras visões?

Aliás, quando alguém dispunha de folga maior, era atravessar o costão entre as duas citadas praias e tirar uma soneca na cama ... de São José de Anchieta! Cama de santo, dura, só pedra. A única coisa que não se podia fazer lá era exatamente dormir. Mas, convenhamos, ótimo lugar para se meditar ao som da quebrada das turbulentas ondas , no refrescante da garoa das bategas que aspergiam sem molhar. Fresco para o pensamento que se elevava até Deus em contato com a natureza , sem a mexida da mão dos homens.

Com padre Alberti como orientador espiritual, aprendemos a frequentar a praia também no inverno. Foi no litoral de Caraguatatuba que enfrentamos ondas borrascosas e geladas em momentos de contração continuada , em meio a extensas pregações sobre o plano de Deus sobre cada um de nós. Foi na praia do Lázaro ou na do Mem de Sá, a memória fraqueja neste passo, que “enterramos” o Pacelli na areia, sob as bênçãos do Alberti ajoelhado ao pé daquele monte sobre o escolhido para o “sacrifício”. A foto que tenho desse episódio retrata a desalmada satisfação daquela turma olhando o “morto” só com a cabeça fora da areia!

O ponto culminante desse aprendizado de contato com as águas marítimas, pelo menos para mim, deu-se no caminho do casarão de Itanhaém em direção à praia do Sonho. Exatamente na foz do rio Itanhaém, naquele amplo e luminoso espaço entre a ponte e o clube náutico. A paisagem é exuberante: de um lado, rio adentro, vê-se a mata que, mais para a frente, sobe a serra, rumo a São Paulo; de outro lado, rio se encontrando com o mar, às vezes até com modesta pororoca terminando em branco rendado.

Pois é.

Éramos um grupo de quatro: O Belo, o Tatu, o Paulo e eu. Quando chegamos ao pé da ponte, a contemplação de tanta beleza excitou os dois primeiros que resolveram atravessar a nado a foz, com o objetivo de nadar até as margens do clube, do outro lado. O Paulo olhou pra mim, eu olhei pro Paulo e nos entendemos perfeitamente, como se disséssemos: “Vai sobrar pra nós”! As duas heroicas figuras, com seus físicos de atletas, não tiveram dúvidas. Camisas, óculos, chinelos e bonés, de repente, como num passe de mágica, estavam nas nossas mãos. Não tivemos, Paulo e eu, tempo nem sequer de dizer “Mas...”, e lá estavam os dois dando braçadas rumo à outra margem. Conformados, Paulo e eu continuamos nosso caminho, agora em cima da ponte, e sem tirar o olho daqueles dois malucos que, cada vez mais, se afastavam de nossa visão. Passadas as respectivas metades dos caminhos, tanto o da ponte quanto o das águas, eis que nossos ouvidos se espantam com os gritos do Tatu: “Belo, não aguento mais!”

Paulo me diz: “Esse Tatu é mesmo um brincalhão, hein?” Concordei meio sem graça e parei, apoiado no parapeito da ponte, querendo vislumbrar quanto faltava ainda para eles chegarem a seu destino. Mais algumas braçadas e outra vez a voz do Tatu: “Belo, aqui não dá pé! Que faço?” Nesse momento, eu me vi abaixado, olhando pelo vão do parapeito, e, com as pernas meio moles, um pouco assustado, perguntei ao Paulo: “E agora? Que fazemos?” Paulo respondeu: “Se o Belo nada faz lá, o que podemos nós fazer aqui?” Só então percebi que o Belo já estava bem próximo da almejada margem e nem sequer falava alguma coisa para o Tatu. Agora, já bem mais em situação de susto, escutei mais uma vez o pedido de socorro do Tatu: “Belo, me acuda!” Entrei em pânico e, já com raiva do Belo, exclamei ao Paulo: “Mas o cara nem se abala!”

Mais alguns segundos e os dois estavam de pé na outra margem.

Nosso reencontro foi assustador. O Paulo querendo dar um safanão no Tatu, pois achava que era tudo sacanagem dele. E eu, querendo dar uma bolacha no Belo por não ter sido solidário com o Tatu. Eles riam de nós. Devolvemos seus pertences, jurando nunca mais colaborar com eles nesse tipo de aventura. Na verdade, Paulo e eu jamais achamos que foi uma brincadeira. Concordamos, sim, que foi muito mais uma travessura e não uma simples travessia como eles quiseram fazer parecer.

O Perfume da Indisciplina filosófica

Em Aparecida, são cinco horas da tarde. No estudão coletivo, como o de São Roque, mais de cinquenta alunos supostamente estudam. O silêncio entre as diversas carteiras dispostas em fila é, naquele momento, absoluto. São todos estudantes de filosofia. Por isso, de acordo com as aulas do dia seguinte, cada um cuida de sua matéria.

A língua oficial do curso é o latim. Livros em latim. Aulas em latim. Provas em latim. Quousque tandem, ó Cícero, abuteris patientia nostra? Até quando, caramba, ó Cícero, tu que és o mais estudado dos latinos, abusarás de nossa curta paciência? E dá-lhe “Philosophia Scholastica” assim como no Ibaté era o “De Bello Galico”, todo o santo dia!

Assim é que, estudante relapso, me distraio no sacrossanto direito à curiosidade, querendo saber o que faz cada um dos que estão à minha volta. Eládio, por exemplo, um sapo ituano bom de bola, estuda naquele instante História da Filosofia e noto que sua cara está mais pra marota do que pra raciocinativa. João Leopoldo, conhecido mestre das manhas futebolísticas e, por isso, prestigioso diretor técnico da seleção do colégio, está verdadeiramente absorto em seu livro encapado. Faço de conta que vou me levantar e me aproximo rapidamente de sua carteira. Pasmei! Está mergulhado no “Diálogo das Carmelitas”, de Georges Bernanos. Quando percebe que me aproximei demais, fecha rapidamente o livro e, então, vejo na capa e na etiqueta nela colada: “Tratado de Filosofia Moral”. Mais à frente, sem nenhuma preocupação de esconder o que faz, Cláudio Giordano avidamente devora o inseto literário da “Metamorfose”, de Franz Kafka.

Foi, então, que vi o melhor: o Bitá, goleiro dos bons, examinava fotografias das Olimpíadas internas que ele mesmo organizara. A foto ampliada mostrava a faixa indicativa dos Jogos encimando as cabeças de vários participantes e de seu organizador. O destaque parecia ser o grandalhão monsenhor João Bueno, aquele que dizia querer morrer dando aula. E quem morria de medo de isso acontecer era a gente mesmo, a cada aula do bom Bueno.

Eis que.

De repente, leve agitação na moçada estudantil. A troca de olhares foi dando lugar a risinhos marotos. Em seguida, vários óh! óh! E todo mundo se mexia na carteira, alguns levantavam o pescoço em direção ao corredor em frente, onde os superiores tinham seus quartos.

Era de lá que vinha o intenso, sedativo e balsâmico odor que punha em alerta todos os sentidos humanos. Fez-se um minuto de silêncio, não em homenagem a um morto, mas com o fim de confirmar cientificamente de onde partia aquela onda perfumada. Assim, ouvido o rumor sonoro do chuveiro do quarto mais próximo do estudão, ratificou-se a expectativa: era o borborinhante banho da tarde do ministro de disciplina! Foi um viva! geral.

João Leopoldo abandonou a carmelita de Bernanos em agonia de morte e recitou quase em voz alta: “Leozinho no banho da tarde de estanho!” Aí a cumplicidade coletiva do estudão aflorou em continuidade. Eládio arrisca: “Também com esse puta calorem!!!” Aproveitara o exemplo abordado pelo autor que estudava. Em latim, “puta calorem”, pensa no calor, considera o calor como exemplo. Valeu para aumentar o volume das risadas. Ouviu-se, então, a voz do Cláudio: “Esse cheiro aveludado é de fêmea ou de macho? É a metamorfose do ministro na tarde que arde, eu acho! Ecoou a rizardaria, agora já alta.

Então, a porta do quarto se abriu. De lá, Leozinho gloriosamente saiu. Passos firmes na direção do estudo.

Silêncio.

Bitá estuda “Philosophia Moralis”. João Leopoldo analisa texto sobre “História Philosophiae”. Eládio traduz do latim argumentos sobre a expansão dos corpos. Só o Cláudio nada modifica do que fazia antes. Terminara a leitura da “Metamorfose”, de Kafka, e começara a beber das águas da “Utopia”, de Tomas Morus.

E eu?

Bem, tive de responder à pergunta do ministro de disciplina : “O que está fazendo?”

“Estou fazendo estudo livre, ministro”.

Até hoje.

O Terno Cáqui

Pela primeira vez na vida – vida bem curta, aliás, só tinha doze anos – ia ganhar um terno. Era o traje oficial do seminário de São Roque, e, segundo o alfaiate, tinha de ser assim, assim. Tudo bem! Não me incomodou nenhuma exigência. Na verdade, nada sabia de ternos. Só me borboletei com a cor, afagando minha imaginação por causa da cor. Que diabo era essa cor? E por que essa indesejável premência de ser cáqui? Perfeito ignorante, perguntava-me que cor era aquela. Cáqui? Não seria, por acaso, cor de caqui, a fruta? Credo! Terno cor de caqui!? Mesmo assim passei a adorar ter de usar terno cáqui.

Apenas quando cheguei à estação da sorocabana, onde pegaria o trem para São Roque, é que me dei conta do que representava o terno de cor cáqui. Havia quase uma centena de garotos vestidos da mesma forma. Era uniforme de seminarista ou de participante de safári? Lembrei que tinha visto algo semelhante num filme sobre a África. Caçadores? Demorou muito tempo para eu ir ao pai dos burros a fim de saber o significado de cáqui. Próprio para o safári, a cor de poeira caía muito bem. Mas, e para os seminaristas? Nunca ouvi uma explicação. Mas passei a supor que a cor de poeira deixava o grupo bem definido: todo mundo igual e bíblicamente feito de barro.

Por fim, aquele pequeno exército cáqui embarcou, não antes, porém, de tirar uma foto pra lembrança. E, nela, lá estou eu, com meio corpo fora da janela do trem, rindo não me lembro mais do quê. Olhando com firmeza é possível identificar aquele sorriso cor de cáqui.

Alguns estavam de calça comprida. Pareciam mais velhos que eu. Também havia alguns mais gordinhos. Outros mais altos fizeram-me sentir um miúdo. Desde esse momento de partida, tive uma ideia do que seria a divisão daquele exército em maiores, médios e menores. Eu era menor e parece que assim permaneci durante sete anos. Nunca soube o real critério para ser

declarado médio ou maior. Tirei alguma vantagem de ter sido um eterno menor? Ah, sim. Nunca me escalaram para fazer trabalhos de gente grande. Nunca fui sineiro, por exemplo, já que não alcançava a cordinha do badalo. Mas fui nomeado sacristão, porque para apagar as velas do altar havia o caniço, um abafador de cabo enorme que facilitava o serviço. Prefeito, então, impossível: era sempre alguém imponente, de voz corazziana, de porte altivo e bom nos estudos.

Agora entendo porque, já no curso de Filosofia, ganhei o apelido de “Fichinha”. Conformei-me, porém bem depressa, depois de descobrir que havia outro baixinho como eu, de apelido “Amostra Grátis”. Ufa! Mas em São Roque eu era qualquer coisa “zinho”. Além de diminutivo, o sufixo indicava também a indecisão de saber se representava carinho ou depreciação do verdadeiro nome. Fui assim jogado numa mesma panela dos zinhos: Claudinho, Luizinho, Joãozinho, e por aí ia. Atribuo essa perseguição diminutiva ao fato de eu ter me apresentado na sorocabana de terno de calça curta cáqui.

Essa foi a minha viagem que durou sete anos. E só hoje recordei que a cor dos vagões do trem era cáqui.

E escura por causa da poeira!

O morro das brisas infantis

Lá de cima, a gente via nosso mundo que começava e terminava condensadamente ali, no sopé largo, profundamente fincado no chão e no cume estreito, arrojadamente disparado em direção ao céu. Aquele morro era (é) nossa medieval catedral.

Alcançar o seu topo era uma façanha infantil. De fato, a alegria de lá chegar era sinônimo de festa, como convém a crianças. Mas era sobretudo um ato religioso, pois lá chegando, sabíamos ter ultrapassado a linha do profano e tocado, então, o limite do sagrado.

“Benedicamus Domino”, entoava o padre espiritual. E a feliz molecada respondia: “Deo Gratias”. E finalmente, ao cantar o “Sub tuum praesidium”, nossa catedral natural se sacralizava nas alturas. No baixo e largo horizonte, aplanavam-se o mundo, as cidades, os homens; no alto, encontrávamos com Deus.

Nem passava pela nossa ideia que ali poderia estar nosso “Tibi Dabo”; com certeza, não tínhamos tanta intimidade com o Demo e com as tentações. A brisa que lá curtíamos era o carinho do Verbo divino, repetindo em nossos ouvidos: “Deixai vir a mim as crianças”.

Tornamos aquele espaço nosso mítico início vital. Foi lá que começou a se formar em nós a consciência de que éramos chamados para uma missão bem mais ampla que a dos comuns mortais. Nossos olhares estavam sendo treinados para enxergar o mundo com a visão “de cima”. Só mais tarde nos foi possível fazer a ligação desse chamado com a dupla expressão: a da possível escolha e a da tentação de se achar melhor que os outros, em razão dessa mesma escolha. Configurou-se aí o nosso “Tibi Dabo”.

Consegui subir até o cimo do morro apenas uma única vez. Foi-me especialmente difícil transpor a última etapa, uma rampa mais inclinada, de onde rolavam pedras descontentes por terem sido pisadas desordenadamente. Nesse momento, quase desisti, quis voltar. Mas um braço amigo apoiou minha quase desilusão por não ter conseguido chegar. A ajuda foi tão forte e decidida que, quando me dei conta, já estava montado no pescoço do inesquecível e fraternal “Mister Wood”. Desse modo, não só aportei gloriosamente lá no cume em cima, como me senti na posição mais alta em relação aos demais. Este foi, sem dúvida, meu “Tibi Dabo” particular. Achei-me especial e mais perto do céu que os outros, o que me envaideceu automaticamente.

Hoje, olhando a foto original daquele momento, vejo-me nos ombros do Bitá, mas nem assim estou no mais alto. Além de estarmos os dois num ligeiro declive, há mais um colega também nos ombros de outro e em posição superior. Foi ou não meu “Tibi Dabo”?

Em outras ocasiões voltamos a subir o morro do Saboó, mas em verdade lhes escrevo, jamais cheguei àquelas culminâncias. Nessas outras vezes já conhecia meu destino de não escolhido e nem mesmo apareceu novamente o anjo “Wood” para me ascender em suas asas.

A chance que tive para recuperar tudo o que por aquele morro deixei em pendência foi-me oferecida pelo Germano. Mas, infelizmente, não pude comparecer ao lançamento de suas cinzas do alto de nossa catedral. Mas, com um pedido de licença ao amigo de tantos momentos, pensei nele como se fossem minhas as fraternais e esvoaçantes cinzas espalhadas lá do alto pelas mesmas brisas que acolheram nossa infância. Quem sabe, sonhei, essas brisas misturadas com as cinzas não tenham carregado dali para as cidades e para o mundo as novas palavras divinas: Deixai vir a mim o que restou da infância destes adultos.

Brasil Urgente

Minha iniciação política aconteceu sob a influência do nanico jornal “Brasil Urgente”. E não foi um aprendizado particular. Havia, na verdade, no Central do Ipiranga, um grupo, não organizado, que frequentava a redação do periódico, lá na rua Cincinato Braga, no Paraíso. Lá conhecemos e travamos contato com frei Josafá, o dominicano, até hoje expoente representante da Teologia da Libertação; Ruy do Espírito Santo e Plínio de Arruda Sampaio, exemplos de combatividade social nos meios católicos de então; o cartunista Arapuã, artista importante, pois em cada edição do jornal ele conseguia ultrapassar a empolgação ideológica e atingir as raias do exercício da ironia.

Desse grupo, devo destacar o Ruy do Espírito Santo, de quem mais tarde seria colega de ensino superior. Freqüentador dos dominicanos, Ruy aliava com sabedoria o ensinamento cristão à análise marxista da realidade. Foi com ele que aprendi ser possível relativizar o pensamento de Marx e, pragmaticamente, utilizá-lo naquilo que se aproximava da doutrina social da Igreja. Aquele intelectual magrinho e de fala mansa me impressionava com sua

facilidade para unir a ação católica aos argumentos que exploravam as contradições do mundo real. Certa vez, perguntou-me, medindo de cima a baixo, certamente incomodado com a cor da minha batina, como é que um dono de laboratório farmacêutico pode se declarar cristão e, ao mesmo tempo, ao apreçar seus produtos, impossibilitar de sua compra inúmeros mortais, pobres e necessitados. Claro que nada respondi, envergonhado que fiquei. Mas compreendi o ensinamento: ser cristão exigia muito mais do que se dizer cristão.

Naqueles tempos, nossa revolução de seminaristas era, e só podia ser, de acordo com a visão cristã do mundo. Mas nossos muitos adversários tinham, aliás como acontece ainda hoje, a grande mídia a seu serviço. E ditavam as normas a serem aplicadas aos subversivos, especialmente se fossem padres ou seminaristas. É de pasmar! Imagine eu, simples aluno e candidato a ser sacerdote, ser tachado de ateu, comunista e guardador de armas para a hora da revolução marxista no Brasil! Simplória mas eficiente acusação. Esse foi também um argumento que “justificaria” o golpe militar.

Frequentador da redação do “Brasil Urgente”, membro efetivo do grupo que fazia apostolado dominical na antiga favela do Vergueiro, e um dos signatários da famosa “Carta aos Bispos” pedindo reformas no regulamento do seminário, eu só poderia ser de fato um subversivo.

Nossos ideais tinham, no entanto, vários fundamentos: o Movimento para um mundo melhor, do padre Lombardi, as ideias intelectualmente consideradas e intensamente postas em prática pela Ação Católica, de modo especial pela Juventude Universitária Católica, JUC, que também frequentei, com seu método aprendido com o padre Leuret – ver, julgar e agir -. E pela grande admiração que tínhamos pelos exemplos dos padres operários franceses. Estes eram os nossos modelos mais próximos

Esse conjunto de pensamentos e atitudes configuravam, para nós, a exemplificação mais consistente do pensamento cristão da modernidade. Tínhamos certeza de seguir um caminho legítimo em direção a um cristianismo primitivo, comunitário e participativo, com lembranças ainda palpáveis da passagem de Cristo pela Terra. Seria uma utopia, a nossa? Possivelmente sim. Digo possivelmente por não ter sido, naqueles dias, tão consciente sua constatação. Ademais, adolescentes que éramos, basta lembrar, eu diria quase romanticamente, que no Ipiranga, os filmes assistidos por nós documentavam nossa procura de uma ação pastoral concreta no caminho de uma nova pregação do que deveria ser o cristianismo. Entre os muitos filmes vistos e comentados em nossas reuniões do Cine Clube destacou-se a ação caridosa de São Vicente de Paulo, o “Monsieur Vincent”; sobressaiu-se a dedicação de padres operários pelo conhecimento intenso de ovelhas desgarradas, como as prostitutas; dominou ainda a solidariedade empolgante e, para nós, cristã exposta no filme “Se todos os homens do mundo”; e, coroando esse conjunto de “modelos”, o exemplo inocente e angelical da Gelsomina, de “Na estrada de Vida”, do genial Fellini, recentemente lembrado pelo papa Francisco e elogiado como uma película que marcou seu modo de ser. Nós éramos modernos românticos mas também conscientemente sabíamos estar em perfeita consonância com os ideais do Vaticano II.

Desejávamos, ainda, que nossa ação política (não era possível nos livrarmos dela) fosse, ao mesmo tempo, missionária e evangélica mais do que qualquer outra coisa. Nem de perto e

nem de longe fomos comunistas. Aproximamo-nos deles apenas naquilo que havia proximidade de propósitos.

Na verdade, nós éramos seminaristas brasileiros ,inseridos na realidade brasílica do momento, com alguma comunhão com os militantes de esquerda, estudantes, artistas e intelectuais, romanticamente revolucionários. Todos estes segmentos empenhados numa utopia de integração com o homem simples do povo e isto, é claro, foi visto como subversão. Em todo o Brasil.

A Hora da Ave Maria

As asas do Anjo do Senhor espalham a melodia de Somma pelo ar das montanhas ao redor. Já não é mais dia e ainda não é noite. A estrela Vésper começa a colorir as trevas: é a hora natural da troca de luzes do Sol pela Lua.

A azáfama da tarde estaca no momento de lustrar os sapatos e se mistura com a audição dos primeiros e vibrantes acordes em tom de prece. A alma do dia se entrega, então, ao embalo da noite que chega para o descanso e para o agradecimento.

Recordar o dia ou preparar a noite? A hora é de vésperas e sugere que é possível unir esses momentosos segundos num ato único, em que se pode reconhecer a presença indissolúvel do sagrado e do profano. Mística situação, apenas levemente perceptível por mentalidades infantis e juvenis . Mas estonteante realidade, agora detectada nesta idade dita a melhor, talvez até porque a memória, nos seus estertores, esteja agora mais do que nunca capacitada para a compreensão do que se viveu.

Se alguém estiver incomodado por ter eu feito essas relações entre Sol, Lua, Vênus/Vésper, naquelas horas da Ave Maria, relembro aqui o Hino de Vésperas retirado diretamente do “Manual do Seminarista”, lá de São Roque.

“Relógio de Ezequias, que atrasado

Foi para o sol divino nos ser dado.

Em vós o imenso quis ser abatido,

Para que ao céu fosse o mortal subido.

Brilhando como os raios de tal sol,

É vossa Conceição claro arrebol.

Guiai-nos, pois, calcada a serpe crua,

Ó entre espinhos flor, piedosa lua.

Trata-se de uma miscelânea em que os componentes são religiosos, bíblicos, históricos, astrológicos, botânicos, míticos e poéticos.

Traduzindo esse hino de Vésperas: Deus vos salve, Maria, que sois como o relógio atrasado servindo de sinal para a vinda do Verbo Encarnado. Mas, na verdade, o texto ganha mais força e beleza embebido que é em imagens poéticas reveladoras de vários e profundo conhecimento humano.

Assim, a imagem “relógio de Ezequias que atrasado” remete o leitor ao milagre que Deus fez em benefício desse profeta, dando-lhe mais tempo de vida porque Ele é o Senhor do Tempo e faz o que bem entende com ele. Se Deus é capaz de fazer esse milagrinho para um rei, do que não será capaz, então, de fazer pela humanidade? Até mandar seu Filho à Encarnação. Maria é o relógio onde acontece o atraso do Sol divino, pois só assim a mortal criatura poderia subir de novo às alturas celestiais. É pelo rebaixamento do Filho que a humanidade é exaltada. O nascimento de Cristo é claro arrebol, é o sol da manhã (nascente) e também o sol da tarde (poente). Maria é também aquela que brilha com os raios desse Sol que é Cristo. Assim, refletindo a luz do Sol, ela é a Lua piedosa porque se alastra em favor da humanidade o seu poder maternal. É ela ainda aquela que pisa a cabeça da serpente inimiga como a real vencedora de uma batalha entre o Bem e o Mal. O hino termina com a invocação à piedosa Lua, chamada outrossim de Flor entre espinhos, mais comumente invocada como o lírio, que cresceu entre os sofrimentos dela própria e de todos os mortais.

Embora nada disso passasse pela nossa cabeça na Hora do Angelus, com certeza fixou-se na nossa mente o caráter sagrado daquele momento. Contudo, ao mesmo tempo em que nos recordamos da hora da prece, do recolhimento ao final do dia, nos remetemos à encantadora e juvenil ação de engraxar os sapatos. É que o sagrado só existe no humano.

Quinta-Feira Santa

A Semana Santa de 1951 deixou em mim uma profunda e rigorosa marca de peso e lamentação adolescente. Fui um dos treze escolhidos para a cerimônia do lava-pés. Imbuído da simbologia desse tradicional momento nas celebrações da quinta-feira santa, esperava participar da sua especial solenidade e nem passava pela minha cabeça desmitificar aquele belo cerimonial. Pensava na imitação de Cristo como um acolhedor de seus convidados. Era uma prova de amor e de humildade que, ao longo dos séculos, foi sendo admitida pelos papas e se tornou parte das comemorações da Igreja. Lembrança e repetição da condescendente e afável atitude de Cristo na última ceia, além de convite para seus seguidores a que acolhessem os fieis com docilidade.

A preparação já me foi inquietante. O banho extra, perfeitamente compreensível, deu início, no entanto, a uma série de outras preocupações: a advertência para que déssemos especial atenção aos pés e, antes da cerimônia, o sacristão passou perfume em nosso pé direito.

Os escolhidos estão aqui na minha frente, em foto antiga, revelando risos ou seriedades, todos embatinados e com sobrepelizes, prontos para a cerimônia do lava-pés: José Maria Pinheiro, nosso fraternal bispo, perene missionário em terras da Amazônia, da França e, especialmente, de Bragança Paulista; Amivaldo Moraes, que entrou no mesmo ano de 1951 e ficou até 1954; João de Assis Benvegnú, que esteve lá por seis anos; Darci Jacob Cargnelutti, saltense da velha guarda; Eládio Bispo do Prado, bispo só no nome e que depois foi grande craque do Clube Ituano; Sérgio José Schirato, que depois estudou em Roma; José Maria Germano, nosso colega até a morte, que depois teve, a pedido seu, as cinzas jogadas lá de cima do morro Saboó; José Lázaro Éffori, outro saltense, também romano e amigo eterno; Ismael Mantovani, que no seminário esteve durante cinco anos; Dionísio Leite da Costa, o famoso mister Milk das aulas de inglês do padre Ruy, meu colega de bairro, de paróquia, de São Roque, do Central do Ipiranga e de Aparecida; José Wolf, outro saltense, romano e também de amizade eterna; Durval de Almeida, de apelido “sapinho” por ser de Itu e baixinho, eminente vigário de sua cidade ainda hoje; e eu, que narro estes fatos à procura do sabor da memória que revivencia e reverencia rostos infantis, dez deles ex-futuros padres.

Por que a escolha de treze e não doze, número dos apóstolos de quem Cristo lavou os pés? As tradições se foram formando na Idade Média: em alguns lugares, doze homens representando os doze apóstolos; em outros, entre eles em Roma, eram treze. Será que o décimo terceiro pé seria o de Maria Madalena, substituída por um homem? Da Vinci teria apostado sua interpretação a esse fato, sugerindo a falta de alguém na pintura da Última Ceia, naquele espaço entre o Cristo e o apóstolo a sua direita? Madalena sempre foi abduzida da sala nas representações artísticas da Ceia. Mas há uma outra explicação dada pelo papa Bento XIV. Dizia ele que o papa Gregório Magno, nessa mesma cerimônia da quinta-feira santa, ao lavar os pés do décimo segundo, descobriu que ainda havia mais um. Ele mesmo explicava que se tratava de um anjo. E agora o papa Francisco inaugurou outra tradição, ao lavar os pés de duas mulheres e de dois homens muçulmanos. Tradição também anda no tempo.

O celebrante daquela noite foi o padre Pascoal Amato, nosso amado orientador espiritual. Sem dúvida era ele o representante de Cristo como o acolhedor, o que hospeda e recebe com altruísmo e gratuidade. Era ele o samaritano que cuidava dos meninos- alunos da escola de fraternidade que era a Igreja. Naquele cerimonial, estava superada a diferença entre superior e inferior em troca pela relação de aliança e de igualdade. Assim, ele lavava as nossas consciências de nossos defeitos com a orientação espiritual, e agora também lavava nossos pés, retirando deles o pó das coisas do mundo. Ritual de purificação em dose dupla.

Eis, porém que.

Terminada a cerimônia, fomos para o recreio onde os treze, ainda embatinados, comentávamos o acontecido. Então, apareceram alguns colegas dispostos à zoeira. Foi um deus nos acuda! As brincadeiras se sucederam e até alguns tapinhas na orelha aconteceram a fim de marcar presença na gozação. Só que comigo foi mais chato. E não é que acabaram por identificar-me ao Judas? Confesso não ter entendido a razão, mas aconteceu, especialmente por ação efetiva de três colegas que costumavam tirar um sarro de mim. Joel Barbieri, Camilo Desmoulins e Adair Guarnieri vieram com tudo para cima de mim, certamente com o intuito de me darem uns safanões, de brincadeira, é claro. Mas, de fato me assustei e achei por bem

sair em disparada para fugir da sanha daqueles perseguidores. Quando me senti livre deles já estava subindo o morro no final do recreio, lá mesmo onde havia plantação de laranjas. Foi um sufoco!Pensei: o pomar me salvou.

Aí aconteceu o drama de adolescente. Não conseguia absorver a ideia de ter sido considerado o Judas do grupo. Por que, afinal? Seria eu o traidor, o vendedor de Cristo? Para fugir dessa ideia teria eu de me enforcar? Credo! Coisa de criança medrosa, medo de ficar no escuro, medo de ficar sozinho... No entanto, escapei de ser considerado a Madalena davinciana. Escapei também de ser o anjo gregoriano. Mas por que Judas?

No sábado de aleluia, uma complicação a mais: a malhação do Judas com a camisa do meu time do coração. Assustei-me tremendamente. Caramba! pensei: o que está acontecendo comigo?

Dia de visitas

Minhas visitas em grande parte foram paroquiais. Não se limitavam a meus parentes. Não me lembro, por exemplo, de ter sido visitado por minha avó, uma vez sequer. Na verdade, quem aproveitava a ocasião para me ver e para passear eram minhas tias Nêne e Têre. Eram passeios coletivos dos congregados marianos e das filhas de Maria da paróquia de São Paulo Apóstolo, do Belém: irmãos do Giannini, todos congregados; minhas tias, filhas de Maria; pai do Dionísio e meu pai, também congregados. E um avulso, amigo de todos eles, o Gumercindo, outro congregado.

Olhos demais

Eu ficava impressionado com algumas pessoas. Foi o caso das primas do Gomide. Perdia o controle dos meus olhos. Elas eram finíssimas criaturas e seu andar de princesas me incomodava soberanamente. No dia seguinte, ia procurar o padre Pascoal Amatto.

Um susto

Um dia, minha tia Têre apareceu por lá sozinha. Trouxera um substancial lanche para saboreá-lo comigo. Escolhemos um lugar aprazível, no meio das árvores que sombreavam o caminho da piscina. Ela cuidadosamente estendeu uma toalha de mesa sobre a pouca relva que havia por ali. Espalhou o lanche e não faltou o tradicional guaraná Antarctica, quente, é verdade, mas saboroso como sua feliz presença e companhia. A conversa foi boa e assunto era o que não faltava: o trabalho na tecelagem, notícias dos parentes, a vida no Belém, na rua Tobias Barreto, as festas paroquiais e tanta coisa mais. De repente, um baque surdo ao nosso lado provocou

um rápido movimento de ambos no sentido de levantar dali, o mais depressa possível. Era nada mais nada menos que uma cobra que caíra da árvore sobre a mesa de pano com o lanche. Hora de medo e fuga geral dos três: eu, ela e a cobra. Fomos expulsos do paraíso.

A piscina

A água era verde e gelada. Exigia intensa movimentação no seu interior para permanecer com o corpo aquecido. Além do mais, era proibido o banho de sol; quer dizer, só podia ficar dentro da água. O comando era do padre ministro, rigorosos ambos: o comando e o ministro. Eu me deslumbrava com a capacidade do Walmir de boiar de costas, assoprando para o alto as cascas de jaboticaba com que se deliciava. Morria de vontade de flutuar e, ao mesmo tempo, apreciar aquela fruta silvestre típica da Mata Atlântica. Minha admiração era uma pergunta: como é que ele consegue? Olhava seu gesto como um convite ao equilíbrio e ao domínio do corpo e da mente que eu sabia ainda não possuir.

O trampolim

Lá perto das cabines de troca de roupas, havia o trampolim. De madeira, móvel e flexível para o devido movimento preparatório ao mergulho. Meu batismo foi um mergulhão em que consegui muito mais precipitar água encharcando todos os que por ali estavam e que reclamaram daquele verdadeiro escabritamento. Na verdade, ao tocar a superfície aquosa, senti o tranco muito mais de quem dá uma cambalhota do que um mergulho. Foi um vexame para mim e uma diversão para os outros. Nem fui ao fundo, e voltei à tona num pinote de quem nadava como um pedra, atolando-me mais no medo do que naquela água perenemente invernal.

O raso

Afogar-se no raso? Como? Qualquer moleque daquele seminário podia ficar sossegadamente no raso da piscina, mesmo sem saber nadar. Era pouco profundo, pois. E havia uma pedra demarcatória, denunciando o início do fundo que, para a criançada, era o perigo. E, depois, havia sempre o Ministro, de olho nos pivetes mais ousados. E havia ainda uma boia de câmara de pneu de caminhão, com tiras de borracha ligando sua circunferência. Inocente brinquedo naquele raso sem perigo algum. E sobrou a boia para mim. Sentei-me nela como quem ia para a rede da varanda, balançando de lá para cá. Uma beleza. Não sei porque, porém, enrosquei um pé nas tiras e acabei por virar o corpo todo, ficando debaixo da água. Quanto tempo? Sei lá. Mas foi o suficiente para tremendamente me assustar. Até conseguir me desvencilhar das tiras e ficar de pé durou uma eternidade. Ninguém viu, ninguém me falou nada nem me tirou sarro. Só meu anjo me fez uma sutil coceguinha no pé.

O mergulho de J3sus

Houve um dia em que a morte nadou na piscina. O garoto J3sus mergulhou fundo e de l3 n3o voltava. Colegas e o Ministro entraram na 3gua para procur3-lo. Quando o trouxeram 3 tona se deram conta de que algo grave havia acontecido. Tentaram reanim3-lo e nada conseguiram. A consci3ncia do que havia acontecido tomou de assalto os rostos e o 3nimo de todos. A not3cia subiu o bosque com presteza vertiginosa e logo todos os alunos sucumbiram ao cativoiro do medo. Entre n3s, os menores, reinavam o p3nico e a perplexidade. Como pode? O que farei ao mergulhar naquela piscina? Antes de o pavor assustoso dominar a garotada, padre Pezzoti saiu com os pequenos para caminhar pelas redondezas. Com ele rezamos, com ele respiramos fundo por aqueles caminhos, como ele relaxamos os semblantes e os cora33es, recuperando a coragem perdida no susto.

Seu Louren3o

No dia do enterro do J3sus, presenciamos a chegada de seu pai, seu Louren3o. Indel3vel lembrança que aumentou nossa sensa33o de trag3dia. Uma cadeira perto do caix3o. Imagin3vamos que fosse para algu3m nela sentar. N3o era. Seu Louren3o, com as pernas contra3das pela poliomielite, mas com um vigor fora do comum, sozinho se p3s naquela cadeira , alcan3ando de algum modo seu filho morto. Outra vez uma visceral como33o perpassa pelo sagu3o de entrada. Nunca aquele lugar foi t3o f3nebre como naquele momento.

A Copa Do Mundo de Futebol de 1950

S3o a acompanhamos , ou melhor, ouvimos seu som, em tr3s oportunidades: no jogo do Brasil com a Iugosl3via, depois na c3lebre goleada contra a Espanha e na final entre Brasil e Uruguai. O ministro fazia descer pela janela de seu quarto um pequeno autofalante que atendia precariamente mil orelhas querendo saber o que acontecia no Maracan3. O chamado “fat3dico 16 de julho”, assim est3 documentado na cr3nica de Josu3 da Silva Leite: “Assistimos (sic!) a irradia33o (sic!) do jogo Brasil e Uruguai e o Brasil perdeu a oportunidade de ser campe3o mundial”. E, sem saber da tristeza brasileira que nascera naquela tarde, continuou o cronista: “J3 a pl3cida noite envolvia as colinas do Ibat3 e n3s na capela assist3amos a b3n33o do Sant3ssimo”.

Gin3stica

Depois da Missa da manhã e antes do café, parávamos pelo meio do pátio interno para uma sessão de ginástica, dita sueca. Levanta e abaixa braços. Vira e revira pescoço e cabeça. De mãos na cintura, fica de cócoras e volta ao normal, várias vezes. Vinte minutos durava tudo isso? Não lembro. Só lembro que era vestidos de uniforme diariamente cáqui que o fazíamos. Cor levanta poeira, claro. Inda mais no meio do pátio.

Ator

Particpei de duas peças de teatro. Numa delas, representei um pajem da corte. Aliás, fiz parte de uma dupla de pajens, juntamente com o Giannini. Eu tinha apenas uma fala dirigida exatamente para ele: “Pobre príncipe!”. Que eu me lembre, foram quinze dias de ensaio só para dizer corretamente essa frase, isto é, exatamente como o ministro queria que eu dissesse. Como era isso? Meu Deus, que sacrifício para acertar o que ele pedia! Minha voz era fraca e ele esperava que eu fosse capaz de imitar um locutor de rádio. Esse era o modelo exigido por ele. Claro que não passei nesse teste. Na outra vez que me deu a oportunidade de ser um ator, fiz o carinha que morria em cena, numa peça chamada “O último natal”. Dessa vez, porém, não foi nas mãos do ministro que padeci. Foi na perene ironia daquele que representava o papel de meu pai, em cena: Barizon. Espirituosamente, fazia entender que eu, na hora da morte, tinha uma expressão muito “delicada”, digamos assim. E provocava o riso dos outros. Não sabendo onde enfiar a cara, se ria ou chorava, pedia-lhe misericórdia... Afinal, eu o reconhecia como grande ator.

Nos bastidores

Não me lembro qual era a função que eu tinha e que me obrigava a habitar os bastidores do palco. Tinha de subir a escada que ligava o palco a uma saída superior que dava para o corredor lateral do auditório. Que fazia eu lá? Não era contrarregra. Era o que, então? Nessa escuridão da memória, acho que eu era o fantasma da opereta.

A vigília teatral

Como espectador , lembro de uma sequência que muito me impressionou: a cena da vigília noturna. “Alerta, sentinela!” gritava um guarda, em cena; “Alerta, sentinela!”, repetia outro guarda, fora de cena, nos bastidores; “Alerta, sentinela!”, bradava outro guarda, agora fora do auditório; e, por último, numa voz bem sumida, o clamor longínquo do soldado, lá na beira do buracão, fora e atrás do auditório “Alerta, sentinela!” Que mensagem batia em mim aquela sequência? A noite exigia vigilância especial e mais forte que a do dia. Que inimigo poderia me surpreender? A tentação? A morte? Uma sirene íntima e transida de medo rebatia calafrios.

O grito

Aquele auditório e teatro foi também estúdio. O prefeito Corazza tinha sua mesa na parte de cima e podia, assim, controlar a moçada. Imagine um silêncio total, bem apropriado para as elucubrações meditativas de quem estudava grego, por exemplo, ou mesmo trigonometria. Trabalho mental, contemplação concentrada e brutalmente interrompida por uma voz massuda e draconiana: CRUZ! Era o vozeirão do prefeito mandando a atenção de um garoto lá da frente. Ignoro o que o Cruz estava aprontando. Só sei que estremei pelo inabitual pânico causado pela estrondosa advertência da autoridade.

Araçariguama

O famoso “Portal do Interior”, terra do nosso Doutor Araçá e também ex-aluno do Ibaté, faz parte de um conglomerado de cidades mais ou menos no entorno de São Roque. Mairinque, Alumínio, Pirapora e outras. Seu nome Araçariguama, do nosso tupi, indica o lugar onde os araçaris bebem água. Essa ave é muito colorida, de plumagem verde, vermelha, de peito amarelo ou amarelo e vermelho. A cidade pertenceu à Vila de Parnaíba e tem como ponto de referência a matriz de Nossa Senhora da Penha. Na minha memória, a garotada do seminário visitou essa cidade no ano de 1953, quando da visita do governador Lucas Nogueira Garcez, amigo dos nossos superiores que, por sua vez, eram colegas do padre Mateus Nogueira Garcez, irmão do Chefe do Estado de São Paulo. Nem imagino o porquê, mas o fato foi que acompanhamos a comitiva oficial até Araçariguama. Prestígio para o Governador ou prestígio para os padres? Só sei que lá um membro do séquito governamental começou um discurso que, para mim teve apenas e unicamente invocação. De cigarro entre os dedos, o representante daquele cortejo diademado começou: Povo de Açaciguarana! E alguém lhe assoprou: é Araçariguama. Ele corrigiu-se: Povo de Araçaciguarama! Outro lhe indicou: é

Araçariguama. Aí, ele deu uma demorada baforada e solenemente arrematou: Povo de Araçariguama! Saímos tapando a boca com as mãos e fomos rir detrás do palanque.

No janelão

Quem era aquele fantasmagórico perfil que discursava de pé no parapeito da janela do dormitório? A noite já se adiantara no seu caminho natural e o fantasma falante balbuciava palavras ininteligíveis. Poucos alunos o viram e alguém foi lá ampará-lo e fazê-lo descer, voltando para a cama. A calma noturna continuou levemente a perseguir seu rumo sob uma lua vaga e mortiça. A sensação estranha de conhecer um sonâmbulo que poderia ter despencado lá no pátio deixou na alma adolescente um enjoativo travo de jiló e delirante mistério. Isso de fato aconteceu ou eu sonhei, depois de um dia em que passara vexame na sala de aula?

Aborrescente

A sala de aula ficava embaixo das escadarias de entrada. Eu baguncei tanto que o professor me mandou para fora da classe. Tomado por um espírito de porco, não me conformei e passei a reclamar do lado de fora. Primeiro, resmunguei clamando por justiça. Queria porque queria voltar para dentro. O professor ratificou a expulsão, mandando que eu calasse a boca. E eu, estupidamente renitente, falei mais alto ainda. Não contente com a falação, me dependurei na porta, batendo o pé, gritando que queria entrar. Um escândalo. Felizmente foi o único da minha vida, acho. Mas restou outra dúvida: será que era eu o sonâmbulo?

Satisfação infantil

O Schiratto ficou doente. Teve de voltar para casa para se tratar. Quando retornou, já curado, o ministro me encarregou de passar para ele as matérias em que ficara atrasado. Gostei disso. Fiquei todo inchado e envaidecido. Experimentei viva alegria ao ajudá-lo a se reintegrar na sua volta aos estudos. Mais tarde, ele foi estudar em Roma. Tenho ainda hoje cartas e cartões postais que dele recebi.

Contato com a Monarquia

No dia quinze de novembro de mil novecentos e cinquenta e três, visitou o seminário o Príncipe Carlos da Casa de Orleans e Bragança. O que será que o Príncipe foi fazer em São Roque? Como bragantino que era, talvez tenha ido buscar o vinho para acompanhar a lingüiça de Bragança.

Aviso?

Todo sábado na hora do Angelus, um seminarista saudava Nossa Senhora pelo autofalante. Nunca fui indicado para essa proeza devocional. Mais um aviso que não soube entender que não seria um escolhido?

Cronista

Para mim foi muito legal ter sido convidado para fazer a crônica dos principais acontecimentos do primeiro semestre do ano de 1956. Este serviço prestei-o com prazer e destaque aqui os momentos que achei mais importantes desse período. Conforme li nas crônicas anteriores, o cronista dava grande importância para as idas e vindas dos padres que frequentemente se deslocavam para São Paulo, Sorocaba ou Pirapora. Confesso que me importei muito mais com outros aspectos que achava mais relevantes.

Assim, no dia 02/03/56, escrevo que ouvimos a pré-inauguração da rádio 9 de Julho. No dia 12/03, que a missa foi celebrada por D. Antônio Maria Alves de Siqueira e que, ao Evangelho, ele nos falou “piedosa mas energicamente”. Esta observação, talvez a tenha feito pelo estranhamento que seria ouvir algo como uma bronca ou coisa parecida de uma pessoa tão delicada como ele. A 16/03, observo que, à noite, houve uma sessão cinematográfica, tendo sido exibido o filme “O Mineiro Misterioso”.

Anotação do dia 23/03, comemoração de Nossa Senhora das Dores: aconteceu uma “fervorosa prédica neste Educandário Levítico”. Chamou-me hoje a atenção este vocabulário por mim escolhido. “Fervorosa prédica” denota um sermão entusiasta, capaz de aquecer nosso devotamento à Senhora e, conseqüentemente, um convite à elevação e santificação da alma. Além disso, tirei não sei de onde essa expressão sinônima de seminário: educandário, ou seja, escola ou ainda internato de levitas, de cuidadores do altar ou de padres. Certamente uma apropriação bíblica que demonstra ebulição do meu fervor em relação ao seminário.

No dia 06/05, cravo a apresentação do primeiro número do “Ecos da Tribuna”, órgão mensal do Grêmio Literário Pio XII, sem dúvida um título predecessor do nosso atual “Echus do Ibaté”. Treze de junho foi um dia especial, dedicado a homenagear nosso reitor. Expresso com tristeza minha decepção por não terem acontecido os jogos olímpicos preparados para essa jornada:

“nada de jogos olímpicos”... “pela abundante chuva que caiu”. Em compensação, derramo meu entusiasmo pelo que se deu no fim daquele dia: “À noite, magnífica sessão cênico-musical na qual foi levado a cena o emocionante drama “O maior de todos os heróis” e mais uma comédia”.

Para contrastar o desapontamento pela abundância da chuva que certamente impediu minha mais eficiente participação, no futebol é claro, meu empenho se revela na adjetivação por mim escolhida. Com efeito, a sessão teatral e musical foi magnífica, algo evidenciando meu julgamento positivo em grau máximo. E, em seguida, a ratificação do esplendor da bela noite, através da referência ao emocionante drama apresentado. Talvez o nome da peça tenha condicionado esse meu entusiasmo: “O maior de todos os heróis”.

O último destaque de minha atividade de cronista está no dia 15/06, uma sexta-feira. “Hoje partem para suas casas os seminaristas com o fim de gozarem suas merecidas férias semestrais”. Esta nota, no seu todo, revela a satisfação e o alívio mal contidos até esse dia.

Quando escrevo “partem para suas casas” , parece que esqueço a nossa real morada, o anteriormente consagrado “Educandário Levítico”. O correto teria sido anotar que partíamos para a casa de nossos pais. Revelo, sem dúvida, muita alegria por partir para “gozar”, termo super sugestivo e denotativo da ânsia de voltar para a cidade, para o bairro, para a rua de onde saíramos. E, por fim, a expressão “merecidas férias” reflete a justeza e o encaixe psicológico da força anímica que significava voltar, ou melhor ainda, regressar, talvez definitivamente, para casa.

Férias inocentes

De volta para o mundo, de novo no ambiente paroquial e familiar do Belém. O templo ainda em construção, e o trabalho ingente dos congregados marianos em mutirões do sábado era notável. E, no domingo, as missas se sucediam de hora em hora, durante toda manhã. A missa das oito era a dos congregados. Depois dela, contatos com os rapazes no salão de jogos, lá atrás da sacristia e do teatro que também servia de sala de projeção cinematográfica. Em conversa com eles, acabei por ser questionado sobre o comportamento geral dos seminaristas. Perguntaram-me se a gente, nem de vez em quando, saía do sério. Ingenuamente respondi que sim, que às vezes era impossível evitar que acontecesse. Eles coraram e, surpresos, arremataram a questão: E depois, vocês confessam? Foi então que caí em mim, um tomo que me deixou absolutamente sem graça. Eu pensara em desentendimentos, briguinhas discussões. Eles pensavam em masturbação.

Fundo de garrafa

O chofer do seminário , o Luizão, me levou a Sorocaba, onde o ministro me fez passar por um exame oftalmológico. Um grau e meio de miopia, para começar. Voltei de lá com a sensação de que eu teria entendido muito mal as perguntas do oculista e, por isso, os óculos eram um incômodo permanente. No entanto, os graus de miopia foram aumentando, aumentando, até chegarem ao grau dez. Então, ao peso da miopia somou-se o peso dos óculos de fundo de garrafa . Outro fundo de garrafa, este de verdade, foi o que me abriu uma boca sangrenta na canela esquerda, bem perto do joelho. Foi num domingo em que eu, com sete anos, fui mandado para comprar um litro de leite, litro de vidro mesmo, daqueles antigos. Tropecei na escada dos fundos da venda de seu Alexandre, fechada porque era domingo. Foram os três primeiros pontos que tomei na vida. Pontos que fecharam aquela bocarra vermelha que teimava em cuspir sangue. E ficou a cicatriz que, até hoje, delicadamente dói quando nela há qualquer choque ou batida, leve que seja. Fundo de garrafa sempre foi um tormento para mim.

A piscada dos padres

Padre Pascoal Amatto, o mentor espiritual da garotada, contava que, a uma determinada hora, sentavam ele e outros superiores no alpendre de entrada, para verem o trem passar lá pelos lados do Saboó. Perguntávamos os alunos que interesse tinha ver o trem passar tão longe. Em outra ocasião, fizemos essa pergunta para ele. Respondeu que era ao entardecer, já se pronunciando a escuridão. Aí ficamos mais admirados ainda. Ver o trem no escuro? Daquela distância? Como podia? Pois bem, num determinado momento, o trem se dirigia em linha reta no sentido do seminário. E o que eles viam, na verdade era o clarão do farol dar sua piscada e logo em seguida desaparecer por inteiro.

Orientação espiritual

Caminhando com o padre Pascoal pelo pátio interno, disse-me ele: “Meu filho, qual é seu problema?” E eu, mais do depressa: “Não tenho nenhum problema, seu padre”. E ele, de volta: “Então, vamos rezar para que Deus lhe envie algum”.

E daí?

Quando senti um problema relacionado a sexo, procurei um superior, a bem da verdade não era o Pascoal, e expus-lhe meus receios e dúvidas. A resposta veio em forma de pergunta: “E daí?” Em seguida , me despachou na maior simplicidade. Nenhuma explicação. Nenhuma

palavra de orientação. Engasgado com o “E daí”, fui embora rezando para que Deus lhe enviasse alguma sabença para oferecer a seu subordinados.

O túnel

Benedito era nosso colega. Meu xará nascera ali por perto. Nada me lembro que o tenha destacado durante sua permanência entre nós. Mas ficou famoso depois de morto. Faleceu dentro do túnel do trem, em companhia de uma garota. A importante pessoa que nos deu essa notícia, o fez com um quê de desdém e nenhuma compaixão. Entendi que o Benê estava fazendo “coisa feia”, no escurinho do túnel. O mensageiro não pediu nem sequer uma oração pela alma dele. Entendi que ele estava “condenado”. Para o anjo de pureza e dureza, sexo era só sujeira e pecado mortal. E fim de papo! Crueldade: para o Benedito e para o Joaquim.

Descompasso

Padre Pascoal preparava a garotada para o período das férias. Era gostoso ouvi-lo nas preleções sobre como nos comportarmos com as garotas. “Cuidado com suas irmãs. Cuidado com as amigas de suas irmãs”. Ainda verdinho novato de seminário, nas férias de 1950 e janeiro de 1951 até que tentei obedecer-lhe. Ficava encabuladamente de olhos baixos ao me encontrar com alguma menina da minha rua Tobias Barreto. Assim nasceu um triste medo, principalmente diante do espanto revelado e que as fazia dizerem que me comportava como um sujeito orgulhoso, desfazendo de suas amizades e de suas pessoas. Começou assim minha assimilação do mal-estar perante a mulher.

A mão do prazer

Ainda quando o estudão era no auditório, presenciei um colega da fileira ao lado da minha praticando a famosa luta dos cinco contra um. Depois dessa ingente peleja, o coitado não sabia como se “enxugar”. E eu não sabia onde pôr a cara. Por fim, ele apelou para o lenço e assim se arranjou como pôde. Num misto de compaixão e curiosidade, arrisquei uma olhadela para a mão do colega para confirmar se estava mesmo nascendo pelo nela.

Mitório ou esconderijo?

No mitório, quem será que bolou aquela separação dos seres mijantes? Só sei que, no ato de tirar água do joelho, cada um literalmente desaparecia em relação ao vizinho também mijante. Era um biombo de mármore tão longo que impedia que um pudesse ver o outro a seu lado. Imponente muralha a servir de guarida para a defesa do recato. Símbolo do esconderijo da virtude?

Sentimental

A ingenuidade de meus treze/catorze anos não impediu de me abismar com algumas superiores contradições. Nosso grande e férreo disciplinador, eminente soldado da Pátria e de Deus, eu o surpreendi, ao descer as escadas do saguão da entrada, cantarolando sentimentalmente o “Adeus amor, eu vou partir”. Para quem pregava que padre não poderia ter sentimento!

A turma do perdão

Felizmente tínhamos a turma do perdão. Cito de memória alguns deles: Padre Venâncio, Frei Ludovico, Frei Arcanjo, Frei Telésforo, Frei Alberto... Havia ainda os escalados para períodos especiais: os vários padres que vinham do seminário e do santuário de Pirapora: Cônego Martinho, Cônego Roque, Cônego Hipólito. Nossos notáveis confessores. Bem mais tarde, fiquei sabendo que alguns colegas fugiam deles, fato inimaginável para mim.

Retorno

No dia cinco de maio de 1955, deixou o seminário o José Maria Germano. Mas eis que no dia três de junho estava ele de volta para uma visita. Não havia passado nem um mês de sua saída e ele retornou. Germano foi alguém que nunca falou mal do que por lá passou. Aquele largo sorriso que nos oferecia nas reuniões de encontro da Turma do Ibaté era o mesmo dos nossos tempos de garotada. Seu sentimento de felicidade em relação a São Roque teve o capítulo final naquele último gesto de mandar espalhar suas cinzas lá do alto do Saboó. “Tu és pó e ao pó retornarás”. Germano voltou ao pó e, em forma jubilosa de pó, retornou prazerosamente também a São Roque.

Pitágoras, Einstein e Davini

Esse Pitágoras, matemático e filósofo grego (570 a. C.- 496 a. C.), desenvolveu seu célebre teorema observando as pirâmides do Egito e o expressou assim: “Em qualquer triângulo retângulo, o quadrado da hipotenusa é igual à soma dos quadrados dos comprimentos dos catetos”. Passa a impressão de que as pirâmides do Egito são construções muito complicadas. No entanto, os corolários desse teorema serviram para facilitar e tornar mais precisas as edificações da humanidade. Além de matemático, o Pitágoras também filosofava, e não acredito que observando as pirâmides. Talvez conversando com outros filósofos ou dialogando com os frequentadores de alguma ágora grega. Exemplos de sua autoria: “Todas as coisas são números”. Fanatismo matemático, não? Ou esta aqui: “Ajuda teus semelhantes a levantar a carga, mas não a carregues”. Ajudar e não fazer no lugar de quem é ajudado? Simples assim. Mas o que interessa aqui é o matemático. A matemática moderna questionou o teorema de Pitágoras e ninguém mais do que Einstein entendeu que o célebre teorema funciona apenas em superfícies planas. Então, vejam o que li no texto de um anônimo cronista do seminário, em 1954, anotando no dia 29 de julho, uma quinta-feira: “O assunto do dia é o grande matemático que descobriu estar errado o teorema de Pitágoras. Este grande homem é o quintanista Roberto Davini”. Teria sido ele o nosso Einstein e a gente não sabia? Pena que o cronista permaneça anônimo; do contrário, poderia ele explicar se tudo não passou de gozação.

Estudo X Fome

Alguma vez passamos fome no seminário? Acho que não, porque sempre havia uma pera por perto. Mas aconteceu algo de estranho no dia 29 de março de 1955. É que o padeiro atrasou e por isso tivemos uma esfomeada inversão: estudo antes do café. Estudamos mesmo ou passamos fome?

Seminarista pio e idoso

No dia 16 de julho de 1956, recebemos a visita do Dr. José Bernardo Castilho, de acordo com o cronista da vez “animoso advogado de 76 anos, agora seminarista do Primeiro ano de Teologia”. Confidenciou-nos o eminente advogado que dessa maneira estava realizando o ideal de um seu filho morto aos 22 anos. O que isso significava para nós? Parecia alguma coisa fora de nossa compreensão. Acho que dependuramos nossa atenção no fato de ele ter 76 anos. Isso sim nos admirou.

Entrar numa fria

O feriado da Proclamação da República de 1956 foi um dia especial. A alvorada foi simplesmente às 4 da matina. E depois de termos hasteado as bandeiras do Brasil e do Vaticano, partimos rumo ao Saboó. Que patriotismo mistura fina, hein! Melhor dizer que, em vez de ser do Vaticano, a bandeira era a do Papa. Soaria mais atitude religiosa do que patriota. No fim das contas, um imprevisto no fim do dia: quando voltamos da excursão, não havia pingo d'água nos canos do seminário. E nós acabamos por ter de entrar numa fria e tomar banho na piscina. O mergulho foi até muito bom. Mas como a água estava gelada!

A Banda na Festa

“Pelas seis da manhã fomos despertados aos ledos sons de festivos estampidos e dos sons melódicos de nossa banda que pela primeira vez se manifestava”.Comemorar a festa do Reitor ou a data de aniversário da fundação do seminário tinha como um dos pontos altos a disputa dos Jogos Olímpicos.Geralmente nossa lembrança estaca na festa cênico-musical da noite. No entanto, as disputas durante o dia também consolidaram especial tradição. Além das partidas de futebol, muito competitivas eram as corridas. Corrida de muletas; corrida de jornal; corrida de ovos; corrida de vela acesa; corrida de bandeira; de bebedores; de saco. E ainda; a corrida cega e o quebra-moringa; salto de altura,salto de distância, luta de travesseiro.E o famoso pau-de sebo. Na corrida do ovo, o que será que punham na colher? Ovo mesmo ou era uma pera?

Bardoega

O Ega tinha um bar? Nada disso! Bardoega foi o apelido de um ilustre colega com o nome de batismo José Elverth Ferreira, que por São Roque esteve por dois anos. Curioso em muitos aspectos, inclusive por ter ministrado aulas para o Luizinho, nosso estimado esqueleto de laboratório, o Bardoega tinha uns olhos azuis e grandes que pareciam querer ultrapassar as lentes de seus óculos. Pois bem. Qual a razão de seu apelido nada comum? Para início de conversa, Bardoega é corruptela de Beldroega ou Baldroega ou ainda Berdoega, nome de uma planta comestível, rica em ácido salicílico. Esta hortaliça, como seu apelidado, também é curiosíssima. Trata-se de uma erva daninha, e como tal, considerada como praga. Foi trazida de Portugal junto com a couve. Com excelente adaptação climática e alta longevidade, é erva daninha que funciona como vegetal nutritivo. Poderoso composto vitamínico, é boa fonte de ômega 3, bom para o coração. Mas, além da fama das sopas e saladas da mesa portuguesa, duas outras entidades acabaram por valorizar extremamente essa planta antes considerada infestante, embora saborosa e saudável: primeiramente, o Lello Universal crava em suas famosas páginas que “A beldroega fornece uma salada muito apreciada”. Depois, é a vez da Escola Superior Agrária de Coimbra que teve a iniciativa de fazer passar a beldroega de erva daninha à cozinha “gourmet”, ou seja, transportou-a das calçadas e avenidas de Coimbra para

alta cozinha. O amigo Elwert que não se espante quando alguém lembrar da parte negativa de seu apelido que, popularmente, é atribuído a uma pessoa grosseira. Nada disso, colega. Você realizou sempre, entre nós, o lado super positivo de ter sido o parceiro e conviva muito mais parecido com um irmão do que com um camarada.

Texto dos dezenove anos

Anoitece. Às melancólicas vibrações do crepúsculo acrescenta-se o dobre vagaroso e sombrio de um sino. Os compartimentos do sanatório cobrem-se de tristezas. Passando pelo pátio, algumas pessoas de fisionomia silenciosa se dirigem para a capela. Outros conversam baixinho. Em geral, a consternação se reflete por toda parte.

Morrera alguém. Alguém amado daqueles que ora deixam transparecer sua mágoa. Acabava de extinguir-se uma vida juvenil. Uma existência vivida para um ideal, o mais sublime que há nesta terra. Morrera um seminarista. Sua história é breve como sua vida.

Dois anos antes...

Rejubila-se o jovem coração. O anelo do sacerdócio cresce-lhe na alma. Recebia a santa batina. O negro escudo de seu branco ideal. Vendo-se revestido da sotaina sacerdotal, longe de parecer-lhe uma veste de luto, afigura-se-lhe trajado da túnica vitoriosa dos santos. Afogado em alegrias celestes morre para o mundo sedutor.

Um ano, dois anos de batina. Durante esse tempo Ramiro soube amadurecer no íntimo o ideal de ser padre. Todavia, ignorava que horrível doença o consumia lentamente. Via-se tomado de inexplicáveis fadigas, e a tosse fraca e pertinaz roubava-lhe preciosas horas de sono. Após rigoroso exame médico, foi chamado pelo Reitor. Tímido, apreensivo, dirige-se ao superior. Mas, ó desilusão. Não é o Reitor quem o chama, é o próprio Mestre que o convida para a cruz.

Ramiro, você deve abandonar o seminário. Precisa tirar a batina. Está tuberculoso...

Palavras aterradoras! Mas Ramiro nada responde. Seus olhos reluzentes e viçosos perdem, de súbito, parte daquela feliz cintilação. Aguda espada perpassa-lhe a alma. Às tontas, retira-se. Vai à capela. Somente lá compreende o sacrifício exigido pelo divino Amigo.

Dias depois, Ramiro está no hospital. Lívido, magro, submete-se conscientemente aos exames e medicamentos necessários por causa da tísica avançada. E o mal piora. Agrava-se. Mesmo assim o jovem encontra, dentro de si, forças para o apostolado; aos que com ele padecem ministra-lhes o exemplo de edificante resignação. E, sobretudo, reza por eles porque por eles sofre.

A doença progride. O peito arquejante e fatigado nem parece mais do moço disposto de outrora. É chegado, então, o último dia. Ramiro pede o Santo Viático. Comunga com piedoso fervor. Sente as delícias da visita de Jesus. Por um momento seus olhos brilham. Brilham... a paz do céu estampa-se nas faces empalidecidas. Sua bela alma despede-se de seu pobre corpo.

Voa para a eternidade, no mais suave amplexo, com Jesus. Morrera um seminarista. Os que o amavam pranteavam sua morte.

O dobre merencório de sino prenunciador de tristezas substitui-se pelo repique festivo dos carrilhões celestes. Mais um levita engrossa a mansão de Deus.

Anoitecera. Na terra e no firmamento, a noite. Noite nostálgica. Se Ramiro não conseguiu tornar-se outro Cristo pelo sacerdócio, tornou-se através da imolação, do sacrifício heroico da vida pela santificação dos que o rodeavam.

Este texto foi escrito nos ECOS DA TRIBUNA, edição numero seis, de outubro de 1956. Sem dúvida a "beleza" desse texto está na ingenuidade e inocência de seu menino autor. Reflete com clareza toda a impregnação doutrinária de nosso aprendizado. A vida voltada para o sacerdócio e/ou para a salvação dos que nos seriam confiados no ministério. Se, por acaso, não atingimos nosso ideal de um jeito, o alcançamos de outro, tão importante quanto o primeiro. Trata-se de um verdadeiro sermão cuja preparação tinha sido meu particular aprendizado perto de completar os sete anos. Lembro que o sucesso de minha apresentação na tribuna deveu-se à antítese por alguns destacada: "O negro escudo de seu branco ideal". Guardo até hoje essa preocupação de fazer a aliança dos contrários numa síntese que me convença da força espiritual do sentido barroco da existência. Prova marota de que sou bem brasileiro.

Vinte e seis de março de 1953

Nesta data, o Grêmio Literário Pio XII institui suas "Cadeiras Literárias" , assim distribuídas: 1.Cadeira Pio XII; 2. Cadeira Dom Duarte Leopoldo e Silva; 3.Cadeira Dom Silvério Gomes Pimenta; 4. Cadeira Castro Alves; 5.Cadeira Gonçalves Dias; 6.Cadeira Carlos de Laet. Por elas hão de ter sentado Jurandyr Amadi, Lettério Santoro e outros poetas inspirados pelos morros saudáveis daquela região propícia ao engenho e à imaginação artística. Ali muitos embeberam a alma, voando naqueles espaços e engendrando quimeras. Tinham ali seus páramos de sonhos.

Destacar-se

Havia, pelo menos de 1950 a 1956, tempo em que lá vivi, quatro modos especiais de se destacar no seminário. Piedade, Estudo, Teatro, Esporte. Alguém não se lembra dos piedosos Fernando José Penteado, Laerte Vieira da Cunha, Nelson Esteves Sampaio? Ou dos destacados intelectuais Darcy Corazza ou Marcos Masetto? Ou dos atores trágicos Alfredo Barbieri e Walmir Gomes da Silva? E do atores românticos Paulo Sebastião, o Bonito, e de Sinésio Barbosa de Mello? Ou do comico Antônio Carlos Barra? Claro, todos esses e muitos outros sobressairam . Mas, no esporte , talvez por ser mais popular, a lista de memória é muito maior: José Luiz Brant de Carvalho, Pedro Campreguer, João Barizon, Luiz de Gonzaga Giannini, os

goleiros Atílio Brunacci, Edmundo da Matta e Alberto Pimenta, o nosso grande Gilmar, Eládio Bispo do Prado, depois profissional pelo Ituano, hoje campeão paulista, João Batista da Silva, o Lô, campeão amador estadual pelo time da Vila Zélia, e tantos outros . Ser bandido, isto é, tocar na banda, também dava status.

Futebol

Destaquei-me no futebol. Isso me valeu uma advertência do ministro que me chamou, certa vez, para me admoestar sobre a fama de bom jogador. Que não me enganasse, que não me iludisse, que eu era bom de bola e que, porém, jamais pensasse em jogar profissionalmente. Cuidados extremosos, não? Eu nunca havia pensado nessa possibilidade. Aí é que comecei a pensar. Minhas reflexões, porém foram muito boas. Refiz minha “carreira” de boleiro e vi que nada de especial havia acontecido. Conscientemente entendi que no futebol me firmei como substituto de ninguém. Comecei como um improvável goleiro que, no primeiro chute que defendi, fui para dentro do gol com a bola e tudo. Aí começou a tragédia de ser sempre empurrado para a ponta esquerda que, por não ser desejada, não disputava com ninguém. Mais tarde, selecionado entre os menores, para a seleção que enfrentaria os seminaristas maiores do Ipiranga em visita a São Roque, fui escalado como lateral esquerdo. Entrei no jogo no segundo tempo e rebati de cabeça uma bola num ataque adversário. Só. Muito pouco para a fama.

Substituto de ninguém. Essa história mudaria, no entanto, no seminário maior, no Ipiranga e em Aparecida. Ao chegar ao Central, expus uma face que nem mesmo eu conhecia. Briguei por um lugar na seleção dos novos. Jamais entendi como consegui fazer isso. Foi parada indigesta, refletida na foto do time do primeiro ano de filosofia. Pálido, com o rosto em duras crispações, passo a impressão de sofrimento. E corresponde à verdade do que tive de enfrentar naqueles dias que antecederam ao jogo Veteranos X Novatos. Mas minha glória futebolística veio até mim em Aparecida.

Gabava-se, então, o time do seminário dos Redentoristas de manter uma longa invencibilidade nos campos da região. E, desafiados que fomos para um confronto, lá estivemos em campo adversário para a peleja. Ano de 1959 e o som do sucesso da seleção na Suécia se ouvia ainda nas peripécias do popular Mané Garrincha. Pois bem. Naquele dia joguei muito, fui extremamente feliz nas jogadas de linha de fundo, como ponta direita. Ganhamos o jogo, destronamos os Redentoristas dentro de seu famoso reino futebolístico. Terminado o confronto, fui abordado nada mais nada menos por alguns diretores de um time profissional de segunda divisão paulista, o Nítro-Química, de São Miguel. Entusiasmados com minha performance, que elogiaram, comparando-me ao Garrincha só porque executei algumas vezes seu drible favorito, queriam me contratar. Meio abobado, não compreendi de imediato o que aquilo significava. Mas caí em mim, quando me revelaram que a mesma proposta tinham feito

também ao nosso grande goleiro Nasser, que, naquela tarde, havia inclusive defendido um pênalti. Em companhia do Nasser, pudemos rir adoidadamente daquele inesperado convite.

Cabeça no lugar, limitamo-nos a lhes informar de nossa condição de futuros padres, além de explicar-lhes que o futebol, para nós, era uma grande e gostosa brincadeira. Nada mais!

Mais tarde, alguns colegas chegaram a se profissionalizar: o amigo Eládio Bispo do Prado foi atleta do Ituano; Reinaldo, colega no Ipiranga, jogou no Nacional da capital. E nosso Aníbal Poty foi do Corinthians. Repito, agora que o lô, João Batista da Silva se consagrou campeão paulista amador. Além desses, parece que um aluno do ano de 1949 desfilou seus dotes futebolísticos no time do Vasco do Rio. Apelido: Parada.

Inocente (In)Coerência

Dom Antônio Maria Alves de Siqueira foi bispo auxiliar de São Paulo. Por dezessete anos lecionou no Central do Ipiranga. Foi também bispo de Campinas e, em 1978, trocou o palácio episcopal por uma residência simples. Antecedeu, desse modo, o cardeal Arns, o bispo Pinheiro e o atual Papa Francisco na simplificação do conceito de Príncipe da Igreja. E terminou seus dias quando morava no Lar dos Velhinhos de Campinas, no dia 20 de abril de 1993. Foi pregador de retiros para o clero e também para a Legião de Maria. Devotíssimo da Virgem, foi cognominado “O Bispo de Maria”.

Sua fala era pausada, benigna e misericordiosa e refletia com sensibilidade e cortesia o lema por ele escolhido: “In Fide et Lenitate”. Na Fé e na Mansidão.

Pois bem, o cronista de agosto de 1951, uma quarta-feira, anotou que o sermão da manhã foi feito por Dom Antônio, com o seguinte relato: “As palavras de Sua Excia. foram de uma firmeza suave” e “convidou-nos a deixar o seminário ou deixar a preguiça”. E imediatamente em seguida, esta preciosidade de informação: “Sua Excia. deixou o Seminário logo depois do almoço”.

A beleza da antítese “firmeza suave” expõe também uma dúvida: o que teria atrapalhado o cronista? Primeiramente acho que foi o susto de jamais esperar do terno bispo palavras tão autoritárias, firmes e duras. Depois, parece que, na sua percepção, o eco da firmeza foi mais intenso do que o da suavidade.

Na verdade, um texto escrito diz muito mais do que seu autor imagina e quer. Talvez o estado de perplexidade que dele tomou conta determinou-lhe a escolha do mesmo verbo **deixar** que, é claro, tem nuances diferentes de significado. Para os alunos, durante a prédica, deixar era abandonar definitivamente, o que acarretaria mudança de status, de vida ou selar uma decisão para sempre; enquanto que para o Bispo, era simplesmente mudar de um lugar para outro.

Diferença

Por sua vez, o ministro “discorreu com sua máscula oratória” “sobre estes dois paralelos: seminarista bom e seminarista mau”. Onde será que me encaixei? Já diferente foi a fala de Dom Paulo Rolim, no sermão do dia do Santo Cura D’Ars , anotada com ousada opinião do cronista: “Com sua eloquência máscula o Sr. Bispo discorreu sobre a vida do maior santo que a França já teve”. Outra anotação curiosa aconteceu no mesmo agosto de 50. Num dia, estranha o cronista a reação da molecada: “Parece que estamos no Polo Norte porque muitos já batem o queixo de frio”. No dia seguinte, informa o aviso do padre Espiritual: “Na pequena prática que nos fez o padre Espiritual ressaltou que devíamos prepararmos para a festa de Nossa Senhora das Neves”. Pelo jeito, não eram só os moleques que estavam sofrendo com o frio!Embora o cronista não tenha classificado a voz do padre Espiritual, acabou dando uma dica quando escreveu: “Também inspirou-nos belos pensamentos sobre a virtude angélica”.Voz impoluta e inocente? Ou defensiva? Ou preservativa?

Poesia na Crônica

A poesia frequentou também essas crônicas da vida real seminarística sanroquense. Eis que fizemos uma visita a uma chácara dentro do perímetro suburbano de São Roque. A bucólica placidez do lugar e a proximidade das férias, era o doze de dezembro de 50, acordaram a adormecida inspiração do cronista: “o murmúrio do regato que fugia ao longe encharcava nossa alma de paz. As árvores faziam um sussurro de sedas amarrotadas, tudo enfim inspirava poesia”.

Ou esta aqui, em um dia de proclamação de notas:” Os nossos superiores não ficaram contentes com os resultados”. E, concluindo sua anotação: “O pincel negro da noite já pintava o páramo de densas brumas e nós , despedindo do dia e pedindo a proteção da Virgem, cantamos sua ladainha”.

Dogmática

No dia da proclamação do dogma da Assunção por Pio XII, assim se refere o cronista:”Tivemos almoço mais apetitoso não faltando as refrescantes taubaínas”. As de hoje vêm de Itu e são Itubaínas. Talvez as daquele dia vieram de Taubaté. E olha só a coincidência. Um ano depois, comemoramos a proclamação do dogma: “Primeiro aniversário do dogma da Assunção. Almoço com guaraná”.

Susto

Quinze de outubro de 1951. Grande estrondo assusta os moleques. Que foi? Que não foi? Onde foi? Parte do seminário então em construção havia desabado, causando avarias e estragos mas sem maiores danos. A parede que veio ao chão foi imediatamente refeita em dois dias. No entanto, no terceiro dia, em meio a uma violenta tempestade, desconjuntou-se novamente, dessa vez sem tanto ruído. Mas o susto teve continuidade. Enquanto isso, no refeitório, nesse mesmo dia, terminou a leitura do livro “Céus e Terras do Brasil”, do Visconde de Taunay, publicado em 1930.

No capítulo “Quadros da Natureza”, eis o que ouvimos nas horas das refeições: “Às vezes a trovoadas toma visos de furacão, embora passageiro: é quase cataclismo. Impetuosa ventania arrebenta em cima daquelas planuras; ronca nas quebradas; galopeia desenfreada; estoura; voa cortada por trombas d’água que nas inclinações das terras cavam súbitos barrancos de areia e barro, tão grande a queda e tal o choque”. Depois dessa leitura, certamente estávamos preparados para o estrondo ouvido na primeira queda e nem sentido na segunda. E vejam só como o cronista Valdemar Corrêa encarou a situação: “E sob os olhares maternais o nosso seminário adormeceu contente, ouvindo o tamborilar da chuva sobre seus telhados: canção de saudade cantada em surdina que lentamente se afastando sumiu-se na noite dos sonhos”.

Outro tipo de medo

Quem observou com trágica solenidade um outro tipo de medo foi o cronista Josué Silva Leite. Final do ano, pelo que ele assinala, havia uma atitude guerreira entre os alunos. “O assunto predileto nos recreios é o perigo que se aproxima, isto é, o combate a ser travado entre os seminaristas e os macabros exames”. A ameaça que pesa sobre as cabeças estudantis são as agruras da insegurança. O desamparo, de quem estudou pouco ou nada, se apresenta como uma angustiante armadilha ao conhecimento. É por isso que o cronista escolhe a palavra combate, por se tratar, segundo ele, de uma turbulenta pugna: de um lado, os seminaristas estudantes e, de outro, os exames. Estes, por sua vez, são classificados como macabros, ou seja, a vivência de um momento desatinado e atribulador, capaz de cruel e desumano resultado. Ficar sem estudo livre nas férias, por exemplo. Tal medo virou assombração, eis que no ano de 1952, outro cronista refere reação semelhante, no dia primeiro de dezembro: “Inicia-se hoje o período dos exames. É o assunto dos recreios. A ideia das férias se apagou e sumiu ante essa lembrança, ou melhor, ante esta realidade”.

Jejum?

Na quarta-feira de cinzas de 1950, vinte e dois de fevereiro, escrevinha o cronista que padre Pascoal instrui os maiores de vinte e um anos sobre como fazer jejum. E, no dia seguinte, anota, feliz da vida, que a doçaria foi aberta nessa data e os menores levaram apenas meia hora para esvaziarem-na.

Profeta dos Pobres

Visitou-nos no dia 27 de julho de 1952, ninguém menos que Dom Hélder Câmara. Aquele miúdo pregador a partir de sua própria vida e exemplo já era Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro. Mal imaginávamos que ali estava uma grande figura de sacerdote incondicionalmente seguidor de Cristo.

Telésforo

Imagine ter como seu primeiro confessor um frei carmelita de nome Telésforo. O estranho de sua nomeação causava espanto aos recém- chegados do mundo . Mas tinha um complemento, era Telésforo do Menino Jesus. Ouvia, por isso, nossas confissões infantis com extrema paciência e probidade. O significado de seu nome evidencia seu perfeito trabalho: aquele que leva a um bom resultado. Nada consta de que o santo frei tenha deixado em nós possível dúvida sobre qualquer assunto com ele tratado. Apenas mais tarde viemos a saber de sua grandeza, herdada do nome. Associado a antigos deuses gregos, Telésforo era considerado protetor da saúde, já que fora filho de Esculápio. E, muito mais importante, tinha o mesmo nome de um eremita do Monte Carmelo, santo padroeiro de sua Ordem. Assim, o bom frade, como especial mensageiro, levava para Deus nossos insistentes e semanais pedidos de perdão. Certeza de cura.

General Ozório

Livro lido no refeitório no ano de 1950: *Ozório, o centauro dos pampas*, de Gustavo Barroso, publicado em 1932. O Barroso biógrafo tinha como método a construção da biografia como escrita histórica. Quer dizer: escolhe um personagem, conta-lhe sua história acentuando sua específica singularidade, para a difusão de uma vida exemplar , com finalidade pedagógica. Compõe, portanto, a vida de um grande homem , para que sirva de guia moral e cívico da nacionalidade. Responde, desse modo, aos deveres impostos a todo historiador adepto do

sentido da “Historia Magistra Vitae”. Daí que nosso herói Ozório é-nos apresentado como símbolo de sacrifício e honra com uma existência marcada por fatos extraordinários desde sua infância e exibindo substância épica até a morte. Alguma coisa a ver com a vida sacerdotal que queriam que fosse a nossa? Talvez as suas virtudes, valorizadas ao extremo pelo autor, a obediência, a lealdade, a coragem, a virilidade, a força e a liderança, nos sugerissem uma vida heróica e abnegada. São frases de Gustavo Barroso: “Os nossos soldados escreviam o maior poema épico do continente: A Retirada da Laguna”. “Homérica resistência”. “Herói militar de quem o povo espera a certeza da vitória”. “A figura assombrosa do centauro domina o panorama da batalha. Ele comanda tudo, ele está em toda parte. Ele salva tudo”. Por ocasião de sua morte, arremata: “Foi para o alto, para a imortalidade”. Ou, ainda, para coroar a antologia: “Moralização e Disciplina. Foi este o seu programa”. Para a formação de sacerdotes um exemplo de formação militar. Cabia?

Lógica Adaptação

Nos meios acadêmicos, nos acostumamos todo início de ano com a “Aula Magna”. Exponencial ocasião de se ouvir a voz de uma sumidade da Academia introduzindo a vida de estudos superiores. Em São Roque, talvez porque os estudos fossem secundários, em vez de “Aula Magna”, tínhamos a “Lectio Brevis”, no primeiro dia de aula. Ainda bem!

Ação Sacerdotal

Lembro daquele livro de História do Brasil cujo autor era Basílio de Magalhães, eminente Professor do Instituto de Educação. Busco-o entre os livros mais antigos de meu acervo pessoal, e está escrito na página inicial: “AM! JBO, Quinta Série. Número 150. São Roque, 14 de 02 de 1955”. Folhei-o e chego à página 140. A lição trata do “Exército brasileiro sob o comando de Osório”. Trituro docemente a memória e tento recordar. Há alguma coisa escondida nesta página. Ultrapasso marcas de superação da mente... e nada. Apelo, então, para os amigos cronistas. Alívio: quem me salva é o Valdemar Corrêa, em suas anotações do dia 20 de novembro de 1951. Nessa data, padre Pascoal fez a leitura do cartão enviado pelo Cônego João Bueno, comunicando “a alegre notícia da conversão de Basílio de Magalhães, por seu intermédio”. Dizia nosso ex-professor que passara as férias em companhia “desse grande homem de letras, historiador brasileiro”.

Condecoração

Nosso grande e dedicado beque central, além de célebre degustador de jabuticabas, tem lugar de destaque na crônica de Nelson Esteves Sampaio , no dia dezanove de dezembro de 1952. Lá está a memória de sua garbosidade pra lá de exemplar: “O sextanista Valmir Luis Gonzaga da Silva recebeu um prêmio particular por ter tirado durante todo o seu seminário menor a nota dez em comportamento”.

Século XX

As luzes da capela iluminam e aquecem os sonolentos olhos dos meninos. O dia termina e a direção agora é a do dormitório. A fila se organiza em forma de procissão e as vozes se unem para o canto final do dia. Por alguns momentos o sono se desfaz para dar lugar a uma emotiva concentração, calorosa e meditativa. “Sub tuum praesidium confugimus, confugimus, Sancta Dei Genitrix”. Recorrer , com insistência para pedir a bênção, asilo e refúgio `a Santa Mãe, é um ato conjunto das crianças ordenadamente a caminho do repouso. “Nostras deprecationes, ne despicias in necessitatibus nostris”. As súplicas se avolumam na intensidade das vozes e o coral ambulante ganha ainda mais forças, se enredando em significados de intercessão e proteção, verdadeiro pedido de terna clemência. E exatamente aí começa a nascer a certeza do atendimento. A Mãe não desprezará seus meninos pois lá de cima dirigirá para eles seu olhar de carinho e proteção. As necessidades são muitas porque coletivas, não somos uma soma de indivíduos mas somos uma só voz e um só coração mergulhado em diferentes carências e que clama por auxílio. “Sed a periculis cunctis, libera nos semper, Virgo Gloriosa et Benedicta”. Enfim, o pedido, verdadeiro objeto dessa oração cantada em tom filial: Liberta, torna livre, desliga e desobriga seus filhos dos perigos, de todos sem exceção, de todos ao mesmo tempo . É como se bradásemos “aqui, agora e sempre”. Esbanjávamos confiança e fé para pedir assim.

Arrumação de malas

É dezembro. Tempo de mudar. De ir para as férias ou para um novo século. Fico por aqui em companhia de Nelson Sampaio: “Todos se mexem, fazendo ora isto ora aquilo. O seminário se compara a um formigueiro”. Qualidades da formiga? Paciência, fibra, planejamento, energia, vivência em comunidade, armazenando para o futuro. Na África, porém, se acredita que as

mulheres se tornam férteis ao se sentarem sobre um formigueiro. Alguma coisa a ver com São Roque?

Século XXI

As luzes da igreja do largo de São Francisco acolhem os olhos transtornados dos antigos meninos que chegaram de seus trabalhos. O momento é de dor e saudade e a missa é de sétimo dia. O infortúnio do pai que perdeu o filho é tão profundo que o faz pedir aos colegas para que rezem cantando como outrora a mesma cantiga-oração. Foi assim que reboou pelos espaços do templo o mesmo som de súplica à Virgem, agora com outro tom, o de vozes másculas, embora trituradas e feridas pela tragédia. Não é mais momento de espantar o sono e nem há sinal dele no momento. No entanto, trata-se da mesma súplica, na mesma união de vozes e de corações. O coral não é mais ambulante e, cravado nas escadarias do altar, tenta refazer no tempo do aqui, do agora e de sempre, a certeza do atendimento. Embora não mais pudéssemos esbanjar, como antes, a confiança e a fé eram as mesmas.